

Análise de Obras de Artes Visuais – PAS 3

Miguel Fernando Flores Barreto

CEMI Cruzeiro

Professor Fábio

Disciplina: Artes

28/11/2025

Morte – Käthe Kollwitz (1897)

A obra Morte, de Käthe Kollwitz, é uma litografia em preto e branco realizada em 1897. A artista utiliza a técnica gráfica de maneira intensa para representar o encontro cotidiano entre famílias pobres e a morte, em um ambiente doméstico marcado por sombras e por um clima de opressão visual. O cenário interior, com poucos elementos, concentra a atenção nas figuras humanas, especialmente na criança e na presença personificada da morte.

A Alemanha do final do século dezenove e início do século vinte passava por profundas transformações, com industrialização, conflitos sociais e, mais tarde, as duas grandes guerras. Kollwitz se insere nesse contexto como uma artista ligada a um expressionismo de caráter social, voltado à denúncia da pobreza, da exploração do trabalho e da vulnerabilidade de mulheres e crianças. Sua produção dialoga diretamente com a experiência da guerra e da perda, incluindo a morte do próprio filho na Primeira Guerra Mundial.

Do ponto de vista formal, a composição de Morte é claustrofóbica. O espaço parece comprimido, com paredes próximas e um forte contraste entre áreas de luz e sombra. O claro e escuro recorta os rostos e as mãos, destacando o drama da cena. As linhas são vigorosas e o traço é carregado, o que reforça a ideia de sofrimento e tensão. A figura da morte surge quase fundida à escuridão, como se estivesse sempre presente no ambiente, pronta para tomar mais uma vida.

O tema central da obra é a morte como parte da rotina de indivíduos socialmente desprotegidos. Não se trata de uma morte heroica ou idealizada, mas de uma morte silenciosa e comum, que atinge corpos considerados menos valiosos pela sociedade. Nesse sentido, a obra antecipa discussões que hoje associamos ao conceito de necropolítica, isto é, às formas pelas quais o poder decide quais vidas merecem ser protegidas e quais podem ser expostas ao abandono, à doença e à violência.

Ao relacionar Morte com os debates propostos na matriz do PAS, é possível aproximar a gravura de textos que refletem sobre violência, racismo, desigualdades sociais e gestão da vida e da morte pelo Estado. A obra de Kollwitz ajuda a visualizar a dimensão humana dessas políticas, mostrando rostos e corpos concretos, e convidando o observador a refletir sobre quem, em cada contexto histórico, é mais exposto ao sofrimento e à perda.

Palácio Gustavo Capanema e Ciclos Econômicos – Arquitetura modernista e pintura mural

O complexo arquitetônico do Palácio Gustavo Capanema, no centro do Rio de Janeiro, foi concebido para abrigar o antigo Ministério da Educação e Saúde. Projetado por uma equipe de arquitetos brasileiros, com consultoria de Le Corbusier e participação de um jovem Oscar Niemeyer, o edifício foi construído entre as décadas de trinta e quarenta e

se tornou um marco do modernismo arquitetônico no Brasil. Sua linguagem articula racionalidade estrutural, uso de concreto armado e vidro, e soluções climáticas adaptadas ao contexto tropical.

A arquitetura do Palácio Capanema apresenta elementos típicos do modernismo, como o uso de pilotis que elevam o corpo principal do edifício e liberam o térreo, criando uma área livre de circulação pública. As fachadas envidraçadas permitem grande entrada de luz, enquanto os brise soleil móveis controlam a incidência solar e funcionam também como elementos plásticos. Os jardins de Burle Marx, integrados ao projeto, reforçam a ideia de diálogo entre modernidade e natureza, em uma concepção de espaço público que incorpora arte, paisagem e funcionalidade.

No interior do Palácio, a presença de obras de arte de Cândido Portinari, como os painéis conhecidos como Ciclos Econômicos, aprofunda a dimensão simbólica do conjunto. Esses painéis representam etapas centrais da formação econômica brasileira, como o pau brasil, o açúcar, o ouro e o café. As figuras são estilizadas, com cores fortes e composições que destacam o trabalho coletivo. Em muitos casos, fica evidente a presença do trabalho escravizado e da exploração de trabalhadores pobres como base da riqueza nacional.

O diálogo entre arquitetura moderna e pintura mural torna o Palácio Capanema um símbolo de um projeto de Estado que pretendia associar educação, cultura, ciência e modernização. Ao mesmo tempo, os painéis de Portinari introduzem um olhar crítico sobre a história econômica do país, ao mostrar que a construção da nação foi atravessada por desigualdade, violência e hierarquias raciais. Essa combinação permite relacionar o conjunto a debates atuais sobre memória histórica, racismo estrutural e formação social brasileira.

Na matriz do PAS, o estudo do Palácio Capanema e dos Ciclos Econômicos permite articular Artes, História e Sociologia. As obras convidam à reflexão sobre como a arte pode, ao mesmo tempo, legitimar um projeto oficial de modernização e denunciar as contradições desse mesmo projeto. Em contexto de prova, é pertinente destacar a forma como o edifício e os painéis ilustram um ideal de país moderno, mas também apontam para as marcas de exploração que sustentam essa modernidade.

Transfiguração – Olivier de Sagazan

A performance Transfiguração, do artista Olivier de Sagazan, foi criada no fim da década de noventa e vem sendo apresentada em diferentes países desde então. Nela, o artista aparece de terno, em pé diante do público, e começa a cobrir o próprio rosto e cabeça com argila, modelando e deformando continuamente essa máscara improvisada. Ao longo da ação, o rosto humano se transforma em diferentes figuras híbridas, por vezes grotescas, que parecem oscilar entre o humano, o animal e o monstruoso.

Como obra de performance, Transfiguração utiliza o corpo como suporte principal. O tempo e a transformação se tornam matéria artística, pois o sentido da obra está menos em uma imagem final e mais no processo de deformar e reconstruir o próprio rosto. Os gestos repetitivos, o peso da argila, a respiração ofegante e a sujeira que se acumula no corpo compõem uma escrita corporal intensa, na qual cada camada adicionada ou retirada sugere uma nova identidade possível.

Do ponto de vista formal, a ação rompe com a ideia tradicional de obra de arte como objeto fixo, emoldurado e distante. A presença física do artista, a proximidade com o público e a imprevisibilidade da performance criam uma experiência perturbadora. O rosto, que costuma ser o principal sinal da identidade individual, é progressivamente apagado. Olhos, boca e nariz deixam de ser reconhecíveis, e surgem rostos sem traços definidos, com orifícios improvisados e expressões deformadas.

O tema central de Transfiguração é a instabilidade da identidade. Ao destruir o próprio rosto diante do público, o artista questiona a ideia de um eu estável e transparente. A performance pode ser interpretada como metáfora das pressões sociais que moldam e deformam o sujeito contemporâneo, obrigando-o a assumir máscaras sucessivas para se adequar a exigências de produtividade, visibilidade e sucesso. O processo de cobrir e descortinar o rosto sugere tanto o desejo de se esconder quanto o impulso de se reinventar.

Ao articular Transfiguração com o conteúdo da matriz do PAS, é possível aproximar a obra de reflexões sobre subjetividade, trabalho e sociedade do cansaço. A performance permite discutir como os indivíduos, em contextos marcados por cobrança permanente e exposição constante, vivem processos de esgotamento, despersonalização e crise de identidade. Assim, a obra de Sagazan oferece uma imagem concreta e impactante de temas que aparecem de forma teórica em textos de filosofia e sociologia contemporâneas.

Sikka Magnum – Daniel Canogar

Sikka Magnum é uma videoinstalação escultórica do artista Daniel Canogar, realizada com centenas de discos DVD reaproveitados, dispostos em uma estrutura metálica circular. Sobre essa superfície formada por discos reflexivos são projetadas imagens em movimento, de modo que cada DVD funciona como uma pequena superfície de projeção e reflexão. O resultado é um grande disco luminoso, que produz um jogo de brilhos e cores no espaço expositivo.

O título da obra remete às antigas moedas de ouro chamadas sikka, usadas em diferentes contextos históricos. Ao relacionar moedas, lantejoulas e discos digitais, Canogar cria uma ponte entre formas de riqueza material e o universo da cultura de massa e da informação. Os DVDs, que já foram suporte valioso para filmes, dados e memórias pessoais, aparecem aqui como matéria prima de uma escultura de luz, sugerindo que o que antes era considerado importante se tornou lixo tecnológico

reutilizado.

Do ponto de vista formal, Sikka Magnum combina escultura, projeção de vídeo e instalação espacial. A estrutura circular pode lembrar um disco celeste, um olho ou uma moeda gigante. O movimento das imagens projetadas, somado ao reflexo dos discos, produz um ambiente imersivo em que o espectador vê luzes se espalhando pelo chão e pelas paredes. A obra atua simultaneamente como objeto e como fonte de luz e de movimento, ampliando a experiência visual.

O tema central da obra é a obsolescência tecnológica e o modo como a sociedade de consumo produz e descarta suportes de mídia em ritmo acelerado. Ao empilhar DVDs já sem uso e transformá-los em elemento estético, o artista chama a atenção para a quantidade de resíduos eletrônicos gerados e para a fragilidade da memória digital. Aquilo que armazenava filmes, músicas e documentos passa a ser visto como material descartável, que só recupera valor ao ser ressignificado artisticamente.

Na matriz do PAS, Sikka Magnum dialoga com discussões sobre tecnologia da informação, consumo, meio ambiente e lixo eletrônico. A obra permite refletir sobre a relação entre desenvolvimento tecnológico, produção cultural e impactos ambientais. Em contexto de prova, é pertinente destacar que a videoinstalação, ao mesmo tempo em que celebra a beleza da luz e do movimento, oferece uma crítica sutil à lógica de descartabilidade que caracteriza muitos dispositivos tecnológicos contemporâneos.

Vaccine Covid 19 – Eduardo Kobra

A obra Vaccine Covid 19, de Eduardo Kobra, foi criada como homenagem às instituições científicas envolvidas no desenvolvimento de vacinas contra a pandemia de Covid-19, em especial o Instituto Butantan e a Fiocruz. Trata-se de um painel de grandes dimensões, típico da linguagem de muralismo urbano do artista, com cores fortes e figuras simbólicas ligadas à ciência e à esperança.

O estilo de Kobra é facilmente reconhecível pelo uso de fundos preenchidos com losangos coloridos, diagonais marcadas e uma paleta de cores intensa. Em Vaccine Covid 19, frascos de vacina aparecem em destaque, com inscrições claras que indicam sua ligação com o combate ao vírus. Em algumas versões do painel, surgem elementos como uma pomba azul emergindo do frasco, sugerindo vida, paz e renovação. A escala monumental da obra reforça o caráter de homenagem pública.

Do ponto de vista formal, o mural combina realismo na representação dos objetos científicos com uma construção de fundo altamente geométrica e abstrata. As cores saturadas chamam a atenção de longe e comunicam uma mensagem otimista, contrastando com o cenário de medo e luto que marcou a pandemia. A técnica do grafite e da pintura mural, associada ao espaço urbano, leva a temática da ciência para o cotidiano das pessoas que circulam pela cidade.

O tema central de Vacine Covid 19 é a defesa da ciência e a valorização do trabalho de pesquisadores, profissionais de saúde e instituições públicas. A obra celebra o desenvolvimento das vacinas como conquista coletiva da humanidade e, ao mesmo tempo, posiciona-se contra discursos negacionistas que colocam em dúvida a importância da imunização. Ao representar a vacina como símbolo de esperança, o mural reforça a ideia de que a tecnologia médica pode salvar vidas em larga escala.

Em diálogo com a matriz do PAS, Vacine Covid 19 permite articular Artes, Biologia e Geografia. A obra abre espaço para discutir políticas públicas de saúde, desigualdades de acesso à vacinação, papel das instituições científicas e influência da desinformação. Em provas e atividades, é possível destacar como Kobra utiliza a linguagem da arte urbana para difundir uma mensagem de confiança na ciência e de responsabilidade coletiva diante de uma crise sanitária global.

Genial é andar de bike – Eduardo Kobra

O mural Genial é andar de bike, também de Eduardo Kobra, está localizado em São Paulo e apresenta a figura de Albert Einstein pedalando uma bicicleta, envolto por um fundo de raios coloridos que convergem em direção ao centro da imagem. O cientista aparece com roupas e bicicleta realistas, mas cobertos por padrões geométricos multicoloridos, característicos da linguagem visual do artista.

A composição do mural é dinâmica. Os raios de cores diversas, organizados em leque, sugerem movimento e energia, como se a figura de Einstein estivesse avançando em meio a um fluxo luminoso. A escolha da bicicleta como elemento central aproxima o físico, frequentemente associado a fórmulas abstratas, de uma atividade cotidiana e simples. A escala do painel, visível a distância, reforça o caráter de intervenção urbana que dialoga diretamente com o público que circula pela rua.

O tema do mural articula ciência, genialidade e mobilidade sustentável. Ao afirmar que genial é andar de bicicleta, a obra sugere que escolhas de transporte mais simples e menos poluentes podem ser, ao mesmo tempo, inteligentes e responsáveis. A presença de Einstein reforça a ideia de que o pensamento científico pode caminhar junto da consciência ambiental e da busca por melhor qualidade de vida nas cidades.

Do ponto de vista simbólico, o mural questiona a separação rígida entre ciência e cotidiano. A imagem de um grande cientista em um momento de lazer indica que o conhecimento não está distante da vida comum. Ao trazer esse personagem para a paisagem urbana, Kobra reapropria um ícone da história da ciência e o vincula a debates atuais sobre trânsito, emissão de gases, ocupação do espaço urbano e saúde.

Em conexão com a matriz do PAS, Genial é andar de bike permite discutir temas como mobilidade urbana, desenvolvimento tecnológico, sustentabilidade e história da ciência. A obra pode ser relacionada a textos sobre energia, transportes, mudanças climáticas e à própria figura de Einstein, que aparece em diferentes contextos na formação escolar.

Em avaliações, é relevante destacar como o mural usa uma imagem atraente e de fácil leitura para estimular uma reflexão crítica sobre modos de deslocamento e organização das cidades.